



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

## PARTICIPAÇÃO NUM GRUPO DE CONVIVÊNCIA E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A VIDA DE PORTADORES DE DIABETES MELITTUS TIPO I<sup>1</sup>

Bruna Brogni da Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas Públicas de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (Rede CEDES-RS),  
[b.brogni@hotmail.com](mailto:b.brogni@hotmail.com)

Flávia Regina Tavares Nunes Bielawski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF),  
[frtnunes@gmail.com](mailto:frtnunes@gmail.com)

Luis Ignacio Moreira Lima, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), [luismoreira.ad@gmail.com](mailto:luismoreira.ad@gmail.com)

### RESUMO

*A DMI é uma doença metabólica crônica, com cuidados constantes. Observando um grupo de convivência e as implicações aos participantes, através de grupo focal e entrevistas, categorizamos: sentimento de pertencimento, melhorias no controle, incentivo mútuo à prática esportiva, e o fato de que a Diabetes foi o fator de união, mas não é o que os mantém juntos.*

*PALAVRAS-CHAVE: Diabetes Mellitus; Grupo de Convivência; Aceitação.*

### INTRODUÇÃO

No relevante cenário biomédico, já se fez claro que a Diabetes Mellitus (DM) é tomada como um grande entrave na saúde pública mundial, já que o número de pacientes é crescente, se faz presente nas mais diversas faixas etárias, sendo que metade da população acometida pela doença não possui diagnóstico, como aponta o Manual de Hipertensão Arterial e Diabetes (2002). É necessária uma rotina de consultas, controle alimentar e prática de atividades físicas para que exista um bom controle metabólico, podendo diminuir ou retardar chances de complicações, especialmente as crônicas, como afirma o Manual e estudos do *Diabetes Control and Complications Trial Research Group* (1993).

---

<sup>1</sup> O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

Outro fator determinante no controle é a forma como a pessoa convive com a sua condição de saúde, do auxílio recebido, do acesso a uma reeducação que envolverá a rotina de práticas esportivas e mudança dos hábitos (MANUAL DE HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES, 2002). Portanto, é essencial aprender a lidar com a doença, uma vez que limitações funcionais, estresse social e financeiro, desconforto emocional e até depressão maior (FRANCIONI E SILVA, 2007), são fatores frequentemente ligados ao comprometimento da qualidade de vida do diabético. Segundo as mesmas autoras, o fator psicológico pode exercer influências sobre os níveis glicêmicos, já que fortes emoções de alegria, tristeza ou raiva alteram os valores.

De acordo com o esboço anterior, e levando em consideração que essa reeducação, na maioria das vezes, não será feita apenas pelo paciente, mas por amigos, familiares e até mesmo com a equipe multidisciplinar que o atenderá. Nosso objetivo é compreender como a prática de atividade física se insere na vida dos diabéticos e como ela contribui para a aceitação DM1, tendo como ponto principal o grupo de convivência. Faremos isso não pelo viés biomédico ou das psicologias que estariam orientados para os indivíduos (abordagem igualmente relevante), mas focados nas produções sociais e culturais que resultam da convivência num grupo de diabéticos.

O grupo de convivência estudado e referenciado ao longo do texto é composto por pacientes do Instituto da Criança com Diabetes (ICD), o qual oferta todo o atendimento referente à DM1. O educador físico do Instituto elaborou e executou o projeto de um grupo de práticas de atividades físicas, com encontros periódicos. Tendo como intuito utilizar a prática da atividade física como suporte para amenizar o processo, já que ela auxilia na melhoria da monitorização – visto que o exercício tende a uma queda na glicemia -, quanto na convivência – todos ali partilham de uma condição fisiológica semelhante e emocionalmente similar, quando no prisma da doença.

Um grupo apegase pela necessidade de proximidade, para dar soluções a problemas que lhes são pessoais, por esse prisma, Freire (1995 *apud* FRANCIONI, 2002) explana que um grupo é um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes. Neste sentido, este estudo baseia-se na formação de um grupo de convivência, que, segundo Francioni *et al.*



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

(2001 *apud* FRANCIONI, 2002), é definido como um grupo que tem a finalidade de compartilhar saberes e experiências na construção de um viver mais saudável.

Visando compreender as implicações geradas pelo convívio no grupo, para além das dimensões biomédicas e psicológicas individuais, realizamos uma pesquisa qualitativa primando pelo uso do grupo focal, método que se baseia nas reuniões em grupo com pessoas que representam o objeto de estudo (LERVOLINO E PELICIONI, 2001). Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, na qual o informante pode discorrer sobre suas experiências, permitindo respostas espontâneas e livres valorizando o entrevistador. (HAGUETTE, 1995; *apud* LIMA, ALMEIDA E LIMA, 1999). Os participantes receberam um termo de consentimento livre e esclarecido e foram informados que seus nomes seriam substituídos por fictícios.

Com o produto do grupo focal e das entrevistas em mãos (transcritos), passamos para a fase de interpretação, percebemos então que as respostas obtidas tiveram algumas discrepâncias, entretanto, uma não é independente da outra, para melhor compreensão as categorizamos. Utilizamos o conceito de Magnani (2009) que descreve como totalidade, experimentada e reconhecida pelos atores do estudo, sendo identificada pelo investigador, a qual pode ser descrita em termos categoriais. Portanto, nesse trabalho elas relacionam os significados atrelados aos sentimentos e percepções dos participantes a cerca do grupo de convivência e suas implicações.

## O GRUPO COMO ESPAÇO COMUM

Obtemos como resposta frequente no grupo focal e nas entrevistas que ao encontrarem-se o sentimento é de semelhança onde todos entendem e partilham as situações e significados. Portanto, eles irão construir além de laços afetivos uma linguagem comum (SILVA, 2001 *apud* FRANCIONI, 2002), como citado no grupo focal, “o sentimento é de que todos se identificam”.

Muito relacionado ao fato de que ao conversar percebem problemas e dificuldades análogos, sem ter a impressão de ser um “eu”, e que existe a possibilidade de levar uma vida tranquila e sem cortar amizades ou laços, como nos foi relatado no grupo focal. Correia *et al.* (1996 *apud* FRANCIONI, 2002), declarou que o doente pode ter a sensação de estar perdido



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

frente a tantas mudanças e uma nova rotina de vida, corroborando com a fala anterior. Para ele o lado psicológico precisa ser trabalhado a fim da promoção da saúde, finalizando a categoria. Em busca dessa adaptação emocional e identificação com a nova condição, o convívio em grupos pode tornar o processo mais ameno do que em comparação àqueles que não procuram auxílio.

## O GRUPO COMO ESPAÇO DE TROCAS E EXPERIÊNCIAS

Para Miranda (2000 *apud* FRANCIONI, 2002, p. 39) um grupo se apega pela necessidade de proximidade e para a resolução de problemas que se tornam do grupo após o processo de aproximação. Portanto, o grupo serve para que existam trocas e ganhos de experiências, sejam elas individuais ou coletivas (FRANCIONI *et al.*, 2001 *apud* FRANCIONI, 2002).

Entretanto, os participantes do grupo focal afirmam trocar poucas experiências e conversar menos sobre o assunto do que quando adentraram ao grupo, apoiando-se na justificativa de que são adultos e, portanto, já passaram pela fase mais caótica, além de já terem realizado anteriormente essas relações. Justificando ainda que eles já se conhecem, dominam o tratamento e já possuem uma convivência equilibrada de alimentação, atividade física e tratamento insulínico, buscando manterem-se saudáveis.

## O GRUPO COMO ESPAÇO DE INCENTIVO AOS CUIDADOS

Nessa categoria fica evidente a influência da prática de atividade física com a queda da glicemia, além de como uns tem poder de instigação sobre outros e vice-versa. Uma participante do grupo focal ressaltou a importância da convivência e de como isso implica na sua rotina, já que hoje não faz mais parte deste e percebe cuidar-se menos em comparação a quando frequentava os treinos, justificando que quando estamos em contato com outras pessoas, assim como quando vamos ao médico, o cuidado está bom, é total e conforme o tempo passa existe uma queda no cuidado. Portanto, ela afirma que a participação em um grupo de convivência ajuda na manutenção do cuidado e do compromisso com si próprio.

Partindo dessa fala fica explícito que muito desse cuidado acontece dada a convivência, em maior ou menor intensidade. Eles ainda afirmam buscar níveis satisfatórios



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

de glicemia pré, durante e pós treino, corroborando com outra fala o fato mais motivador a treinar durante a semana e manter suas glicemias ajustadas é conseguir nos treinos em grupos e nas competições manter o ritmo dos amigos e completar a distância juntos.

## O GRUPO COMO ESPAÇO DE UNIÃO

Por último, mas não menos importante está a relação baseada apenas no motivo que os uniu, mas não que a condição os mantém. Elemento presente de forma incisiva na fala de um dos participantes do grupo focal ao relatar que a questão não é a DM1, mas que ali existe um grupo de amigos, a doença foi apenas o motivo que os uniu. Eles ainda afirmam que para fazer parte de um grupo, tendo ou não diabetes é necessário identificar-se com o propósito do grupo, que nesse caso é a prática de uma atividade física, o que irá segundo ele auxiliar na autoestima e conseqüentemente no controle da glicemia. Portanto, segundo não importa se num grupo com ou sem DM o importante é o bem estar, o sentir-se bem e fazer coisas boas.

Dialogando com Miranda (2000 apud FRANCIONI, 2002) um grupo se forma pela proximidade, portanto, para eles a DM1 e a necessidade de realizar uma prática corporal. Silva (2001 apud FRANCIONI, 2002) complementa dizendo que para pertencer a um grupo, é preciso à construção de uma sociabilização. Ponto esse, que mantém o grupo. A cada encontro vínculos de autoridade são gerados pelo sentimento de pertencer, em seus participantes, nesses tidos como semelhantes, fortalecendo assim a cumplicidade já existente.

Em consonância com o último trecho todos ali presentes afirmaram que mantém em grande parte por causa dos amigos e dos laços que eles estabeleceram. Porque ali se sentem acolhidos, à vontade perante a condição da DM1, já que não precisam de explicações e desgastes emocionais e, pelo fato de, já ultrapassada a fase do estranhamento, construir redes de sociabilidade com as suas implicações emocionais. Entretanto, é importante, reforçar que uma categoria não é excludente da outra e mesmo que eles não tenham consciência disso não fazem uso de uma ou de outra categoria, mas sim de todas, por vezes, mais de uma ou de outra, mas todas se fazem presentes constantemente.



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

## ARTICIPATION IN A COEXISTENCE GROUP AND ITS IMPLICATIONS FOR THE LIFE OF MELITTUS DIABETES CARRIERS TYPE I

*ABSTRACT: DMI is a chronic metabolic disease that requires constant care. Observing a group of coexistence and the implications for the participants, through a focus group and interviews, we categorized: feeling of belonging, improved control, mutual encouragement to practice sports, and the fact that Diabetes was the union factor, but not tis what keeps them together.*

*KEYWORDS: Diabetes Mellitus; Group of Coexistencie; Acceptance.*

## PARTICIPACIÓN EN UN GRUPO DE CONVIVENCIA Y SUS IMPLICACIONES PARA LA VIDA DE PORTADORES DE DIABETES MELITTUS TIPO I

*RESUMEN: La DMI es una enfermedad metabólica crónica, con cuidados constantes. En el marco de un grupo de convivencia y las implicancias a los participantes, a través de grupos focales y entrevistas, categorizamos: sentimiento de pertenencia, mejora del control, el incentivo mutuo a la práctica deportiva, y el hecho de que la Diabetes fue el fator de unión, pero no es lo que los mantiene juntos.*

*PALABRAS-CLAVE: Diabetes Mellitus; Grupo de Convivencia; Aceptación.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coordenação Nacional do Plano de Reorganização da Atenção à Hipertensão Arterial e ao *Diabetes Mellitus* (BR). Manual de hipertensão arterial e diabetes. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2002.

FRANCIONI, Fabiane Ferreira. Grupo de convivência: uma alternativa para o processo de aceitação do viver com Diabetes Mellitus. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FRANCIONI, Fabiane Ferreira; SILVA, Denise Guerreiro Vieira da. O processo de viver saudável de pessoas com Diabetes Mellitus através de um grupo de convivência. *Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 1, n. 16, p.105-111, jan. 2007.

GROUP, Diabetes Control And Complications Trial Research et al. The Effect of Intensive Treatment of Diabetes on the Development and Progression of Long-Term Complications in Insulin-Dependent Diabetes Mellitus. *New England Journal Of Medicine*, [s.l.], v. 329, n. 14, p.977-986, 30 set. 1993. *New England Journal of Medicine (NEJM/MMS)*. <http://dx.doi.org/10.1056/nejm199309303291401>. Disponível em:



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8366922?report=abstract>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Scielo, São Paulo, v. 35, n. 2, p.115-121, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03>>. Acesso em: 18 out. 2017.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 20, n. -, p.130-142, Não é um mês válido!/Não é um mês válido! 1999. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 dez. 2017

MAGNANI, José Guilherme Cantor. ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 32, n. 15, p.129-156, Não é um mês válido! 2009. Semestral.